

APRESENTAÇÃO

Larissa Pelúcio – UNESP
Iara Beleli – PAGU/UNICAMP

Em seu livro *O amor nos tempos do capitalismo* recentemente traduzido para o português, a socióloga marroquina Eva Illouz (2011) mostra como no presente esferas que tratamos classicamente como apartadas, quase antagônicas ou mesmo alheias ao terreno das Ciências Sociais estiveram sempre imbricadas, constituindo mesmo este campo. Tecnologias e afetos, amor e mercado, emoção e ciências, alguns opostos incompatíveis, são desafiados nos textos que compõem este dossiê, em discussões que desenham um cenário complexo e instigante para pensarmos como este encontro tensiona nossos referentes teóricos, metodológicos e éticos. Soma-se a essa reflexão a imersão em campos até então impensados, que passaram a conformar nossa paisagem acadêmica, exigindo o enfrentamento de antigos desafios investigativos e nos colocando frente a outros bastante atuais, e mesmo inusitados, próprios das pesquisas com mídias digitais.

Esses deslocamentos, que chamamos aqui de inusitados, têm nos convocado a pensar novas metodologias e técnicas em pesquisa. Provocadas por este cenário de mudanças sensíveis, e persistentes permanências, organizamos este dossiê, intulado *Pesquisa no pontocom: desafios metodológicos, questões éticas e novas categorias para investigação em Ciências Sociais*. Reunimos textos inéditos e arejados, perpassados por um conjunto de reflexões teóricas, questões metodológicas, estratégias de campo e inovações éticas.

Uma das interrogações candentes em pesquisas nos meios digitais remete à diluição da dimensão do corpo. Da mesma forma, esses meios permitem também questionar a internet como um “lugar” que cria, e “compartilha”, “mundos possíveis” (APPADURAI, 1996). Se as novas mídias permitem uma conexão permanente (CASTELLS, 2011), tempos e espaços são ressignificados, tensionando as antigas “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 1983), como aponta Richard Miskolci (neste dossiê), “com novas aspirações, menos centradas na coletividade e mais em referentes grupais e até mesmo individuais”. Este é um ponto fundante no texto “*Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais*”, pois eleva o/a usuário/a anônimo/a à “condição de protagonista”, questão antes esmiuçada por Sibilia (2008). Esse protagonismo também é apropriado pelo mercado, na medida em que, cada vez mais, estimula e cria mesmo a segmentação de sites a partir das “diferenças”, entre outras, religiosas, etárias, de práticas sexuais e até mesmo de formas corporais.

Débora Krischke Leitão e Laura Graziela Gomes contribuem com instigante reflexão sobre um dos temas clássicos e “míticos” do trabalho etnográfico: “o estar lá”, problematizando não apenas o

deslocamento até o campo, quando o meio é o computador e um *software*, mas também a corporificação de quem pesquisa. “Avatarizar-se” torna-se, assim, central na pesquisa de campo. Um “campo” que coloca em questão o próprio lugar do corpo, agora digital, mas nem por isso menos simbólico, exigindo de quem pesquisa esforços metodológicos para os quais ainda não temos muitos referentes.

O corpo do/da pesquisador/a e sua inscrição no campo têm sido discutidos de maneira tangenciada há algum tempo. Néstor Perlongher (1993), por exemplo, interroga-nos em um delicioso texto publicado em 1993, sobre como estava vestida Margareth Mead quando esteve em Samoa. Trata-se de uma pergunta metodológica, uma provocação epistêmica que evidencia a hierarquia silenciada que atravessa alguns clássicos das ciências sociais.

Em “*Corpo, Gênero e Sexualidades Gays na Corda Bamba Ético-Metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet*”, Luiz Felipe Zago e Luís Henrique Sacchi Santos, fazem do corpo e da sexualidade de quem pesquisa ferramenta metodológica, mas também reflexão ética. Saem do “armário” para entrar no campo, desenhando novas possibilidades de pesquisa. Ao “habitarem” um *site* voltado para homens que procuram relação com outros homens, Zago e Santos negociaram consentimentos, experimentaram técnicas de abordagens e negociaram com os sujeitos em campo, propondo caminhos possíveis de enfrentamento a modelos de ética em pesquisa menos colonizado por referentes biomédicos.

Em “*O K-100 compartilhado: jovens, tecnologias e gestão da experiência migratória*” Paula Togni, mostra que as mídias digitais podem proporcionar processos de imersão etnográfica bastante densos, nos quais a própria pesquisadora passou a ser “analisada”, “seguida”, “comentada” por seus/suas interlocutores/as. As mídias digitais permitiram o acompanhamento do dia a dia dos/as migrantes em Lisboa mesmo quando em trabalho de campo no Brasil, facilitando a pesquisa multissituada. De fato, essa ressignificação espaço-tempo (ver THOMPSON, 1998) possibilita a esses jovens migrantes reconfigurar suas vias e status de migrantes exibindo nas redes sociais seus “sucessos”, ocultando seus “fracassos”, mas também com uma forma de manterem vínculos com seus familiares e lugares de origem.

A manutenção desses vínculos familiares através das mídias são também centrais no artigo de Bruna Buchamar – “*Migração e novas mídias: um diálogo sobre a experiência familiar transnacional de estrangeiras presas em São Paulo e de trabalhadoras filipinas residentes em Londres*”. Nele a autora reflete sobre a importância do celular, da internet e de cartas escritas à mão ou digitalizadas nas experiências de maternidade de migrantes transnacionais. Encarceradas em um país estrangeiro, as mulheres com as quais Buchamar convive, anseiam por notícias de casa, sobretudo desejam saber sobre seus filhos, mantendo, a partir dessa comunicação fragmentada, o senso de pertencimento, de um lugar para onde voltar. Nesse sentido, a escolha das mídias, como a própria autora conclui, leva à “criação de registros e repertórios emocionais variados”.

Em “*Quão romance é minha vida amorosa: namoro virtual e narrativas*”, texto que fecha este dossiê, as emoções expressam uma cuidada “tessitura da intriga”, que organiza os post de membros que compõem as comunidades do Orkut voltadas para namoros virtuais. Valendo-se dos aportes

teóricos de Paul Ricoeur, Vergas Vitória Andrade da Silva e Norma Missae Takeuti constroem um refinado campo argumentativo por meio do qual desmontam a ideia de senso comum de que a mentira ou no “falseamento” seriam elementos organizadores das experiências amorosas online. Neste exercício de narrar para o outro as experiências amorosas, defendem as autoras, aquelas pessoas, mais do que “falsear”, ficcionalizam suas vidas, dando sentido às suas experiências no exercício textual de exposição pública da intimidade. .

Enfim, menos do que respostas a como a tecnologia possibilita uma rearticulação entre corporeidade e afetos, os artigos aqui reunidos convidam à refletir sobre novos campos, antigos desafios e constantes questões ético-metodológicas que atravessam diferentes horizontes de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.
- APPADURAI, A. **Modernity at large**: cultural dimensions of globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. (Public World Series, v. 1).
- CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- PERLONGHER, Néstor. Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margareth Mead. **RCBS**, ano 8, n. 22, jun. 1993.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. 8. ed. São Paulo: Vozes, 1998.